

O TRABALHO DOCENTE NO PROCESSO DE CORREÇÃO TEXTUAL

Michel Cristiano Souza da Silva

Bolsista efetivo do PIBID/UERN/CAPES

Maria Bonfim Gonçalves

Bolsista efetiva do PIBID/UERN/CAPES

Sidileide Batalha do Rêgo

Bolsista efetiva do PIBID/UERN/CAPES

Maria Ismelry Diniz

Bolsista efetiva do PIBID/UERN/CAPES

RESUMO

O presente trabalho é um recorde de uma monografia e tem como objetivo principal investigar como se dá o processo de correção textual no gênero acadêmico artigo científico, produzidos por alunos do Curso de Letras Espanhol do *Campus* Avançado “Prof^a. Maria Elisa de A. Maia” – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Metodologicamente, utilizamos a coleta documental, em que solicitamos à turma que cursou o 2º período de Letras/Espanhol, do semestre 2012.1, os artigos científicos corrigidos pela professora ministrantes da disciplina Linguística II. Os resultados mostraram que as professoras utilizam três tipos de correção textual (indicativa, resolutive e textual-interativa). Concluímos que o trabalhar com textos dos alunos graduandos, bem como com a correção feita pelo professor universitário, percebemos a contribuição para docentes e discentes, em relação à sua formação, no sentido da prática desse processo no âmbito escolar.

Palavras-chave: Linguística Textual; Correção textual; Artigos científicos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É consenso que a correção textual nos acompanha desde nossas primeiras produções textuais nas séries iniciais, até o âmbito acadêmico com as produções científicas. Em especial, o contato com produções científicas sobre correção textual, a partir da nossa experiência no Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), e as correções realizadas em nossas produções textuais científicas iniciais na academia, despertou-nos para esse importante processo.

Nesse sentido, muitas são as produções que propõem discussões relevantes no conjunto de fatores que envolvem as temáticas produção e correção textual. Dentre eles, em relação aos estudos sobre correção textual, os que se destacam são Ruiz (2010), Serafini (1998) e, no âmbito da produção textual, temos Koch (2009), Marcuschi (2008) Motta-Roth e Hendges (2010), entre outros.

Mais especificamente, é na linha teórica da linguística textual, desenvolvida no final dos anos de 1960, que encontramos a base para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois, “[...] os estudiosos dessa área têm-se dedicado a estudar a natureza do texto e os fatores envolvidos em sua produção e recepção” (RUIZ 2010, p. 28).

Com isso, o presente trabalho busca o aprofundamento dessa temática em artigos produzidos por alunos do curso de licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, tendo em vista, que entre os autores lidos na revisão bibliográfica, a maioria desenvolveu trabalhos concentrando-se no processo de correção de textos no ensino básico, sendo que no âmbito acadêmico, a temática não é muito discutida.

Diante dessa realidade, temos como objetivo geral analisar o processo de correção textual - aqui entendido como o trabalho de correção do professor no texto do aluno, visando a refacção em artigos científicos produzidos por alunos do 2º período do curso de Letras Espanhol, do *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Especificamente, objetivamos: i) identificar os tipos de correção textual que norteiam o trabalho do professor no âmbito universitário; ii) verificar os tipos de correção mais utilizados por eles; iii) investigar os recursos aos quais os professores universitários recorrem durante o processo de correção textual.

Para obtermos resultados significantes na pesquisa, utilizamos a coleta documental, quando fomos à turma que cursou o 2º período do curso de licenciatura em Letras Espanhol, do semestre 2012.1, do turno matutino, do CAMEAM/UERN. Optamos por esse período por ser o primeiro em que, geralmente, os professores exigem a produção de artigos científicos. Na ocasião, levamos um termo de consentimento livre e esclarecido (em anexo) para os alunos, a fim de explicar os motivos e a importância da participação deles na referida pesquisa. Posteriormente, recolhemos 10 (dez) artigos científicos, produzidos por esses alunos nas disciplinas Linguística II e Tópicos de Gramática, ao qual abordaremos nesse trabalho os artigos corrigidos pela professora ministrante da disciplina Linguística II.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SÉCULO XX

Os estudos linguísticos desenvolvidos no século XX tiveram dois movimentos que divergiam em algumas concepções como, por exemplo, as noções de língua, linguagem, texto dentre outros aspectos.

O primeiro projeto era o *formalista* que analisava a língua de forma descontextualizada primando por seus aspectos mais sintáticos ou estruturais. Já o segundo projeto, o *funcionalismo*, caminha para o lado oposto, pois procurava analisar a língua de maneira contextualizada enfatizando alguns aspectos lexicais, socioculturais, interacionais e a visão cognitiva. Nesse segundo momento, surgiram algumas denominações de análises, e que Marcuschi (2008) destaca: Sociointerativa, sociodiscursiva, socioconstrutiva e sociocognitiva.

Dentre essas concepções apontadas, podemos destacar aquela que será usada no decorrer do projeto, a sociointeracionista, que diferentemente de algumas concepções, como a formalista, por exemplo, que considerava a língua como sistema, ela vê a linguagem como um lugar de interação social em que os sujeitos envolvidos no processo de produção partilham seus conhecimentos entre si.

Ainda com relação ao projeto formalista, surgiu a Linguística Textual, na década de 60, especificamente na Alemanha, trazendo uma nova tendência em se tratando da concepção e recepção do texto.

Linguística Textual. Em um primeiro momento, a Linguística Textual realizava uma análise transfrástica, ou seja, descrevia apenas os aspectos sintáticos-semânticos, não considerando nesse momento, o objeto de estudo, o texto, pois partia da frase para o texto.

Mas, posteriormente, essa linha teórica teve significantes avanços no que diz respeito ao estudo da linguagem. O objeto de estudo não mais era restrito, como no primeiro momento, pois os estudos passaram a se concentrar na análise do texto, e não mais somente da palavra ou frase de forma isolada.

Nessa visão, A Linguística Textual passa a compreender que a língua deve ser analisada dentro de um contexto, ultrapassando assim, os limites da frase e considerando a linguagem como interação entre os sujeitos e, dessa forma, contribuindo para a comunicação entre os mesmo.

O GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO

Quando interagimos uns com outros para realizamos a comunicação, seja ela oral ou escrita, utilizamos diversos gêneros. Bakhtin (2003), em seus estudos divide os gêneros em duas modalidades: os primários que são textos do cotidiano como cartas, bilhetes, e os secundários, que se encontram mais na escrita e são melhores elaborados como, por exemplo, um romance ou fichamento.

Tais gêneros mencionados (primários e secundários) são encontrados facilmente nas esferas literárias como os romances, no nosso cotidiano a fim de realizar a comunicação como no caso da carta, e-mail, dentre outros. Na esfera acadêmica, temos diversos gêneros orais e escritos que fazem parte do discurso universitário como no caso de monografias, relatórios, dentre outros, como também os gêneros que visam principalmente, divulgar recentes descobertas, como é o caso do gênero artigo de opinião. Este, que é o nosso principal foco de estudo, transita entre as duas últimas esferas e encontra-se nos gêneros secundários definidos por Bakhtin.

Marconi e Lakatos (2001) trazem de maneira mais específica em seus estudos a definição do artigo científico como sendo um estudo que trata de questões científicas, mas que por possuir menor extensão apresenta menos conteúdo. Ainda segundo as autoras os artigos científicos têm como objetivo

Divulgar os resultados de trabalhos de pesquisa, para conhecimento público, não só no sentido do patenteamento da autoria, como também da manifestação de atitudes críticas, que venham contribuir para o aprofundamento e a compreensão inovadora do estudo realizado sobre determinado tema. (MARCONI, e LAKATOS, 2001, p.84)

Com isso, percebemos que os artigos científicos servem para a propagação do conhecimento em diversas áreas de estudo. O principal objetivo é fazer a divulgação de resultados feitos por experiências e pesquisa a fim de contribuir com novos conceitos e aprofundar os estudos que está sendo pesquisado.

O PROCESSO DE CORREÇÃO TEXTUAL

O processo de correção textual é de suma importância para a produção de qualquer texto. Em se tratando de artigo científico esse processo se torna ainda mais relevante, pois, a correção textual é um novo olhar sobre o texto em que o professor pode trazer contribuições teóricas significantes.

A autora Serafini (1989 *apud* RUIZ, 2010) elenca três tendências de correção textual feitas por professores, os quais são: *indicativa*, *resolutiva* e *classificatória*. Ruiz (2010) ainda destaca outro tipo de correção textual que não se encontra estabelecida por Serafini, a *correção textual-interativa*.

No tocante a *correção indicativa*, a autora coloca que são indicações dos erros de palavras, frases e períodos feitos pelo professor. Nesse tipo de correção, não há grande

alteração no que diz respeito ao sentido do texto, pois “há somente correções ocasionais, geralmente limitadas a erros localizados, como ortográficos e lexicais” (SERAFINI, 1989 *apud* RUIZ, 2010, p. 36).

Já na *correção resolutive*, segundo Serafini (1989) há um empenho maior do professor, pois o mesmo ao corrigir procurar ver no texto do aluno aquilo que não está em consonância com a língua culta da língua portuguesa e “reescreve depois tais partes fornecendo um texto correto” (RUIZ *apud* SERAFINI, 2010, p. 41). Nesse caso, o professor faz uma tentativa de assumir o papel do aluno que é de reformulação de seu próprio texto.

A última correção citada por Serafini (1989) é a *classificatória*, que segundo a autora “consiste na identificação não ambígua dos erros através de uma classificação. Em alguns desses casos, o próprio professor sugere modificações, mas é mais comum que ele proponha ao aluno que corrija sozinho o seu erro [...]” (SERAFINI, 1989 *apud* RUIZ, 2010, p.45). Nesse tipo de correção o aluno tem autonomia com base nas orientações do professor de fazer as correções e alterações em seus próprios textos.

Por fim, Ruiz ainda destaca outro tipo de correção encontrada em suas pesquisas, que é a *correção textual-interativa*. “Trata-se de comentários mais longos [...] razão pela qual são geralmente escritos em sequencia ao texto do aluno” (RUIZ, 2010, p. 47). Nesse caso, há um detalhamento maior na correção e um diálogo interativo com o aluno através de seu texto a fim de construir um texto que satisfaça a norma padrão da língua portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Trataremos nesse capítulo do processo e tipos de correção textual realizado pela professora ministrante da disciplina, nas quais coletamos os artigos científicos. Inicialmente, analisaremos um conjunto de cinco artigos científicos, que constituem o *corpus* de nossa pesquisa, produzidos por alunos do 2º período do curso de licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, mais especificamente, na disciplina Linguística II, que integra a grade curricular do curso de Letras da UERN, com uma carga horária de 30h/a para a construção do trabalho prático.

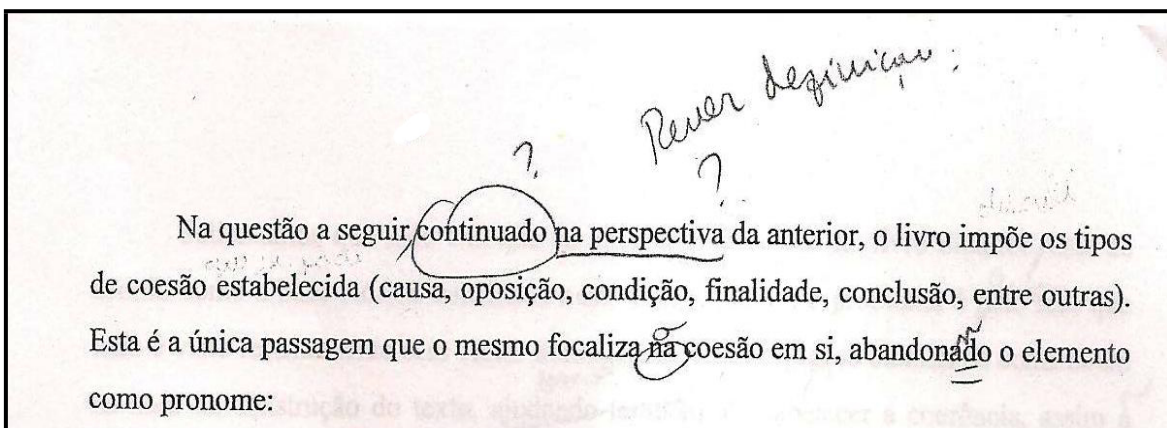
Vale salientar que os artigos científicos, antes de serem coletados, passaram por mais de uma correção textual, tendo em vista que os professores realizam suas correções por partes, ou seja, corrigem primeiramente a introdução, depois a base teórica, posteriormente, a análise dos dados e, assim, sucessivamente, até chegar à versão final que passa por outra correção.

Assim, o *corpus* de nossa pesquisa se constitui de artigos científicos corrigidos em sua versão final.

Criamos dois códigos para nos referirmos aos professores que realizaram as correções textuais. O professor cujos artigos científicos foram corrigidos na disciplina Linguística II será conhecido como P1- LII. Os artigos científicos que passaram pelo processo de correção do professor P1- LII serão codificados da seguinte forma (artigo AC –LII (1), artigo AC –LII (2), artigo AC –LII (3), artigo AC -LII (4) e artigo AC –LII (5). Faremos uma análise focando no modo como o professor realiza o seu processo de revisão textual, e quais os tipos de correção textual, entre aqueles que elencamos no aporte teórico, mais incidem nos artigos coletados. Evidentemente, poderemos encontrar outros tipos de correção que não foram discutidos pelos autores que tomamos por base, pelo fato de se tratar de gêneros diferenciados.

O primeiro tipo de correção textual que veremos é a indicativa, que consiste na indicação, por parte do professor, daquilo que está inadequado no texto do aluno. Veremos, a seguir, um trecho retirado da seção de análise do artigo científico AC –LII (4), que mostra bem esse tipo de correção realizada pela professora P1- LII:

Exemplo 1: Correção do professor P1- LII no artigo AC –LII (4)



Conforme percebemos nesse exemplo, o professor realiza a correção indicativa de duas formas diferentes. Na primeira, ele circula a palavra “continuado” que, nesse caso, está inadequada dentro da oração e, em seguida, coloca um ponto de interrogação, apontando o uso inadequado dessa palavra nesse contexto.

Na segunda forma, a professora P1- LII faz um traço na horizontal da expressão “na perspectiva”, seguida novamente do ponto de interrogação e, logo acima, os seguintes dizeres

“rever definição”. Nesse sentido, além de fazer a indicação, circulando ou sublinhando (sinalização não verbal), a professora P1- LII começa a dialogar através do texto (sinalização verbal) no sentido de facilitar a compreensão do aluno para que ele mesmo reveja o seu texto.

Portanto, nesse tipo de correção, o professor faz apenas uma indicação do que estiver inadequado e não faz nenhum acréscimo ou alteração textual em partes do texto, pois é o aluno que ficará sendo o responsável para proceder com as alterações necessárias, a fim de tornar o texto mais adequado ao gênero e à forma padrão da Língua Portuguesa. Além disso, outra preocupação da professora é com relação à textualidade do texto, como, por exemplo, a coerência que se encontra prejudicada na primeira linha do texto.

A seguir, veremos outro caso de correção, a resolutiva, que ocorre com frequência em todos os artigos corrigidos pela professora P1- LII. Nesse tipo de correção, o professor elimina aquilo que está inadequado e escreve a maneira adequada para o aluno, utilizando operações linguísticas de substituição, adição e supressão, conforme observaremos no exemplo a seguir, retirado da parte introdutória do artigo AC –LII (1), que discute a temática da coesão e coerência no livro didático de Língua Portuguesa.

Exemplo 3: Correção do professor P1- LII no artigo AC –LII (1)

O livro didático analisado foi ~~elaborado~~ ^{é das} pelas autoras: Ana Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchesi, publicado no ano de 2010. O critério de análise, que adotamos, é referente a observação ^{no trabalho com a} (e leitura da coesão e da coerência) apresentados pelas autoras Bentes (2004) e Antunes (2005 e 2010), ^{e os encaminhamentos do} em comparação aos que foi posto no livro didático. O artigo tem como partes principais os elementos da textualidade (coesão e coerência), o texto e o livro didático, análise das unidades 2 e 5 e as considerações finais.

Percebemos, nesse recorte, que o P1- LII utilizou dois tipos de correção diferentes: a indicativa e a resolutiva, destacadas por Serafini (1989). Nesse caso específico, ele utiliza a correção do tipo indicativa para proceder com a correção resolutiva, é uma maneira que a professora encontrou de fazer a indicação daquilo que estava confuso no texto e, ao mesmo tempo de realizar a substituição daquilo que ele considerou inadequado. Isso fica evidente quando a professora P1- LII circula a expressão “e leitura” que, para ele, mediante a

observação da correção, não é adequado à proposta do trabalho, e a substitui por outra expressão “do trabalho com a”, atribuindo, assim, mais coerência ao texto do aluno.

Nesse mesmo exemplo, observamos novamente que o professor P1- LII, além de fazer uma indicação ao aluno circulando o que está inadequado, utiliza-se de outra estratégia que é a de eliminar expressões quase por inteiras em substituí-las por outras. Notamos isso nitidamente quando a professora P1- LII faz pequenos traços verticalmente na expressão “em comparação aos que foi posto”, eliminando-a do texto e fazendo a substituição pela expressão “e os encaminhamentos”. Desse modo, podemos inferir que o professor P1- LII realiza em seu processo de correção, conforme enfatiza Ruiz (2010), uma revisão de textos nos padrões das operações linguísticas que, nesse caso, é a *substituição*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de correção textual, sem dúvida, é indispensável e possui grande relevância para a construção do conhecimento, por parte do aluno, dos pressupostos da produção textual escrita. A partir do momento que o aluno tem seu texto revisado por um professor, ele passa a conhecer e identificar o que está adequado e inadequado em diversos aspectos de sua escrita.

No decorrer da pesquisa, percebemos alguns pressupostos teóricos que norteiam o processo de correção, dentre eles o Estruturalismo e o Funcionalismo. O primeiro trazendo a concepção de língua baseada em Saussure e um conceito de texto como produto pronto e acabado. O segundo, que engloba a Linguística Textual, abordando três fases (transfrástica, gramática de texto e teoria do texto), sendo essa última importante para a concepção de texto como um processo.

Com base nessas correntes teóricas, discutimos os tipos de correção textual encontrados nos artigos científicos produzidos por alunos do curso de Letras Língua Espanhola, na disciplina Linguística II, semestre 2012.1, do *Campus* Avançados “Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Vale salientar que, dos quatro tipos de correção abordados no aporte teórico da pesquisa (indicativa, classificatória, resolutive e textual-interativa), só não conseguimos detectar a classificatória entre os 10 (dez) artigos científicos analisados, além disso, todas as correções analisadas eram pautadas na corrente teórica do Funcionalismo.

Houve também grandes semelhanças entre as correções realizadas com redações escolares na pesquisa de Ruiz (2010) e esta com os artigos científicos. Fato esse, interessante, pois se tratam de gêneros totalmente diferenciados que, embora sejam diferentes quanto à sua constituição, apresentaram, na maioria das vezes, correções idênticas.

Também, foi encontrado um tipo de correção textual que não foi mencionado por Serafini (1989) e Ruiz (2010), aquela que se baseia em perguntas direcionadas aos alunos produtores dos textos. Essa correção foi percebida em alguns artigos corrigidos pela professora ministrante da disciplina Linguística II

Apesar de todas as observações feitas com base nas correções da professora, nosso principal objetivo não foi apontar “erros” ou “acertos” nesse processo, mas sim, analisar as correções textuais, de modo imparcial, e descrever o que o *corpus* nos mostrou. Ao trabalhar com textos dos alunos graduandos, bem como com a correção feita pelo professor universitário, percebemos a contribuição para docente e discente, em relação à sua formação, no sentido da prática desse processo no âmbito escolar.

Dessa forma, a pesquisa contribuirá tanto para o âmbito acadêmico, principalmente para os professores que frequentemente fazem correções textuais, como para a escola básica, haja vista que os discentes do nível superior do curso Letras, caso sigam a carreira docente, inevitavelmente, irão realizar esse processo de correção nos textos de seus alunos.

Levando isso em consideração, a pesquisa traz perspectiva de aplicações no sentido dos professores entenderem como funciona o processo de correção textual, bem como seus tipos para que assim, escolham e façam uso de inúmeras estratégias que fazem parte desse processo. Sendo assim, a pesquisa possui contribuições teóricas e práticas para o processo de correção textual.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Introdução à Linguística Textual**: Trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOTTA-ROTH, D e HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**: São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RUIZ, E. D. **Como corrigir redações na escola**: uma proposta textual-interativa. São Paulo: Contexto, 2010.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos**. Trad. Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Globo, 1989.